



nº 13 - dezembro de 2014

**SALISBURY, Martin; STYLES, Morag. *Livro infantil ilustrado; a arte da narrativa visual*. Trad. Marcos Capano. 1ª ed. São Paulo: Rosari, 2013. 192p.**

André Ming\*

*Livro infantil ilustrado*, de Salisbury e Morag, é uma obra essencial para os estudiosos do objeto artístico a que se refere o título. Publicado no Brasil em 2013, esse texto resume as principais tendências encontradas na pesquisa sobre o livro ilustrado infantil na atualidade, e se apresenta ao receptor como uma leitura leve, panorâmica e didaticamente composta por texto verbal e fartas e amplas ilustrações em alta qualidade. De fato, na maior parte do livro, o texto verbal ocupa cerca de metade das páginas, e o restante compõe-se de reproduções fundamentais de trechos das obras citadas que permitem ao leitor conhecer razoavelmente os livros aos quais se referem os autores, selecionados entre as mais importantes obras do gênero no Ocidente. O diferencial deste texto é a tentativa de englobar um pouco de cada aspecto envolvido na temática do livro ilustrado, perpassando as questões artística, pedagógica, de produção, recepção e até temáticas extra ou para-literárias como o marketing e a editoração das obras do gênero.

Salisbury e Morag deixam claro, desde a introdução, que encaram o livro ilustrado como uma criação artística e literária híbrida composta pela união indissolúvel entre palavras e imagens, de modo que a ausência de um desses dois eixos narrativos inviabilizaria a leitura e não permitiria a fruição do texto original em sua integridade. Os autores mencionam o caráter redundante e de mera reafirmação do verbal que as ilustrações exerciam em antigas obras ilustradas, mas frisam a indissociabilidade desses dois planos significativos, o verbal e o visual, no livro ilustrado contemporâneo. Outro

---

\* Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo – USP – São Paulo, SP, Brasil. andrelunar@gmail.com.

questionamento importante dos autores refere-se ao caráter pedagógico do livro ilustrado, tradicionalmente visto como um auxílio e um meio facilitador do processo de alfabetização. Ao mesmo tempo em que deixam claro que essa não é a função primordial do livro ilustrado contemporâneo enquanto obra de arte, os autores se propõem a dedicar partes de seu texto à temática do uso desse tipo de literatura em sala de aula, à questão da adequação dessas obras ao perfil da criança leitora e seu papel durante a introdução dos infantes às artes visuais. Dessa forma, Salisbury e Morag tratam do livro ilustrado infantil como arte e também como elemento amplamente empregado no processo educativo.

O primeiro capítulo da obra é dedicado a um histórico do livro ilustrado. Inicialmente, tem-se contato com os primórdios da narrativa visual nas cavernas, bem como com outros exemplos menos longínquos, como a Coluna de Trajano, as tumbas do Egito antigo, os muros de Pompeia e o que provavelmente viria a ser o primeiro livro ilustrado, um antigo papiro egípcio de 1980 a.C. Em seguida, dá-se um salto ao século XV, quando teve início a impressão de livros e a tipografia, com obras, ao estilo dos livros de contos, em que a imagem exercia uma função meramente decorativa daquilo que expressava o texto verbal. O tema passa a ser, então, a impressão colorida do séc. XIX, com obras fundamentais como *Der Struwwelpeter*, de Hoffmann, e as criações de Caldecott, na Inglaterra de finais desse século, “talvez o pai desse gênero de literatura” (p. 16). Os outros artistas principais que se dedicaram à criação de livros ilustrados nessa época, Walter Crane e Kate Greenaway, são também mencionados e suas obras são avaliadas criticamente. Em seguida, tem-se a era de ouro da ilustração, com os desenhos de John Tenniel para *Alice no País das Maravilhas* (1865), as obras da década de 1930, como o elefante Babar, os “*puffin picture books*”, com seu papel educativo, as obras do período pós-guerra, a década de 60, com o emprego de formas abstratas na ilustração, como em *Little blue e little yellow* (1959), de Leo Lionni, e de uma grande sofisticação no plano da narrativa visual, apontando-se, como grande expoente, *Onde vivem os monstros* (1963) de Maurice Sendak, entre as mais influentes obras do gênero. Alcança-se, então, a temática do livro ilustrado do século XXI, o surgimento dos *e-books*, com a “transformação e renovação das tradições do livro ilustrado” (p. 46) e as estéticas pós-modernas da contemporaneidade.

No segundo capítulo, “Os artistas do livro infantil ilustrado”, os autores abordam os livros ilustrados “como obras de arte”, como “pequenas galerias de arte atemporais

em nossas casas” (p. 50), e tangem, pela primeira vez, a fundamental questão do *design* na concepção geral desse objeto artístico. Mencionam-se, como autores exponenciais do livro ilustrado, Sendak, Bruno Munari, Eric Carle, Kvêta Pacovská e John Burningham. Discute-se, nesse capítulo, a possibilidade de que se aprendam as habilidades necessárias para proceder à criação de obras pertencentes a esse gênero e a existência de inúmeros cursos e oficinas de ilustração ao redor do mundo, considerando-se o desenho “a habilidade fundamental do ilustrador” (p. 55), como linguagem e comunicação visual e discutindo-se, ainda, o desenho como a “assinatura visual de cada um” (p. 56). Na sessão “estudo de casos”, ao final do capítulo, encontram-se análises de livros ilustrados de estudantes, focando o sentido de lugar, a narrativa de não ficção, o “olhar inocente” e o livro-imagem.

O terceiro capítulo é dedicado ao “Livro ilustrado infantil e a criança”, à “interação da criança com o livro ilustrado” (p. 75), “a primeira literatura que a maioria das crianças experimenta” (p. 86). Trata-se da questão da recepção dessas obras por parte de um público decodificador constituído por leitores de textos verbais em formação, mas que, desde já, são leitores de imagens. Citando a influente estudiosa Barbara Bader, os autores fazem referência à “lacuna legível” que se encontra nos livros ilustrados, no espaço e na “tensão entre o que as palavras dizem e o que as imagens mostram” (p. 75). O livro ilustrado é tido como arte e como um meio de inserção da criança na cultura, com a assunção de estéticas de risco, desafios, quebras de regras, e construções verbovisuais complicadas e exigentes perante o leitor. Discute-se brevemente o aprendizado da leitura da verbovisualidade e do *design* dos livros ilustrados pelas crianças, a inclusão dessa forma artística no desenvolvimento educacional, e se analisa a recepção do livro ilustrado pelos infantes por meio da leitura do significado das cores, das metáforas visuais, da interação palavra-imagem e da linguagem corporal.

No quarto capítulo, “Palavra imagem, palavra como imagem”, discorre-se acerca da indissociabilidade da palavra e da imagem no livro ilustrado, eixos indivisíveis em constante interação. São mencionadas obras teóricas seminais nessa área, como os trabalhos de Perry Nodelman, Jane Doonan e Margaret Meek, todos dedicados à questão dessa interação (inter)semiótica. Faz-se alusão à “complementaridade” desses eixos, assim como proposto por Nikolajeva e Scott e, ainda com referência às propostas desses autores, mencionam-se os casos em que ocorre um contraponto, “quando palavras e imagens contam histórias diferentes” (p. 94), podendo até contradizer-se, mencionando-

se como exemplos obras importantes como *Odeio meu ursinho de pelúcia* (1984, David McKee) e a série de *Shirley*, de John Burningham (publicados no Brasil em nossa língua). Traça-se um paralelo entre os livros-imagem, as novelas gráficas e os textos pictóricos ou concretos, e, na sessão final, dedicada à análise de casos, esmiúçam-se obras verbovisuais de profissionais da área.

O capítulo seguinte (quinto) é dedicado a uma questão polêmica da área de literatura infantil e juvenil e do gênero livro ilustrado de forma geral, traduzida mediante a pergunta-título “Apropriado para crianças?”. Logo de início, surge uma questão-chave: “as noções de conteúdo adequado ou apropriado para livros infantis têm mudado muito ao longo dos anos” (p. 113). Citam-se, como exemplos, a selvageria dos contos de fada medievais e a abordagem, nos últimos cinquenta anos, de temáticas polêmicas nessas obras como o racismo, a morte, as doenças e os abusos. Em seguida, os autores deixam claro que os livros ilustrados infantis podem e devem ser fruídos por leitores de todas as idades. Logo, citam a questão também controversa do que viria a ser uma “adequação estilística de textos visuais para crianças” (p. 113). Desse modo, os autores não oferecem uma resposta fechada à pergunta que intitula o capítulo. Em vez disso, provocativamente, oferecem demonstrações de obras em que surgem, de forma proeminente, temáticas controversas como a violência, amor e sexo, morte e tristeza, crueldade e intolerância, não necessariamente abordados de forma moralizante e educativa. Na seção dedicada à análise de casos, verifica-se a adequação estilística em obras de estudantes.

No capítulo sexto, que se intitula “Técnicas de impressão: o choque do antigo”, abre-se espaço para um panorama de questões técnicas associadas à produção e impressão do livro ilustrado, tais como a impressão em relevo, a serigrafia, a gravura a água forte, a litografia, a monotipia e a gravura digital. São oferecidos ricos exemplos dessas formas de impressão em obras contemporâneas e surge, ao final, a análise de caso de livros exemplificando o exercício de cada uma dessas técnicas.

Por fim, o último capítulo, “O mercado editorial de livros infantis”, é dedicado a questões práticas e não diretamente literárias, como o relacionamento com as editoras, o processo de publicação e editorial, os contratos e *royalties*, marketing e vendas, bem como os papéis de alguns importantes atores desse meio, como o agente literário, o designer e o crítico literário. Aqui também surgem importantes questões como as relacionadas às bibliotecas, livrarias e a Feira do Livro Infantil de Bolonha.

O livro é finalizado com um pequeno glossário de termos técnicos e um utilíssimo índice remissivo de temas e nomes.

Esse livro, ao tentar encapsular e circunscrever um pouco de cada temática relacionada ao livro ilustrado infantil, do artístico ao pedagógico, da produção à recepção, mencionando inclusive os aspectos mercadológicos e editoriais, consiste em si mesmo um belo objeto e funciona mais como um panorama geral e simplificado das questões relativas a esse gênero artístico e um aprofundamento em suas implicações teóricas. São mencionados importantes pesquisadores da área, mas de forma condensada e panorâmica. Trata-se de um agradável ponto de partida para interessados na área, desprovido de academicismos e de um extremo rigor, porém de grande utilidade para iniciantes e também – por que não? – para aqueles que possuem um maior aprofundamento no tema e certamente encontrarão, em suas páginas, informações essenciais e complementares aos seus saberes. Entretanto, embora esse livro ofereça fundamentos teóricos para pesquisadores do livro ilustrado brasileiro, não há menções à produção nacional de obras do gênero, sobre a qual, infelizmente, existem poucos e escassos textos à disposição.

*Data de submissão: 01/07/2014*

*Data de aprovação: 07/09/2014*